

Transexuais idosas no Porto e no Rio de Janeiro. Ruas e corpos como trânsitos de significação¹

Maria Lívia RORIZ²

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.
Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura.
Pós-doutorado CAPES PNPd

Resumo

Em dois espaços culturais e geográficos diametralmente opostos – Brasil e Portugal -, observa-se em relação a um grupo específico, as transexuais brasileiras idosas trabalhadoras do sexo, um movimento em que o corpo saturado e algumas vezes alquebrado procura se mostrar e, ao mesmo tempo, se esconder num tempo que se esvai. Ao ocupar as ruas, com seus movimentos geográficos, se constituindo em lugar de opressão, de vulnerabilidade e de violência, os corpos que trafegam em busca da sobrevivência em cidades como Porto, em Portugal e no Rio de Janeiro, no Brasil, deixam ver existências e sobrevivências, em movimentos de sociabilidades que revelam modos de existir. A rua como objeto de estudo, espaço geográfico ocupado por nuances e limites e, ao mesmo tempo, por expansões e retrações, é também o campo privilegiado desta pesquisa que conecta operadores teóricos da Psicologia e das Geografias da Comunicação.

Palavras-chave

Transexuais; Velhice; Corpos; Territórios; Ruas.

Introdução

Eu adoro ser mulher trans. O momento em que se reconhece como pessoa trans é maravilhoso. Quão difícil é explicar para as pessoas cis – que não são trans – o sentimento de plenitude que nos preenche. A transição entre como nosso corpo era, para a forma com a qual nós nos identificamos, é um nascimento: tornamo-nos nós mesmos. Engana-se terrivelmente quem acha que nossa jornada é fora, ela é para dentro (Jaqueline Gomes de Jesus).

Ao decidir pesquisar determinado grupo - nesse caso optamos pelo que agrega as mulheres brasileiras transexuais idosas que vivem em Portugal e/ou no Brasil, olhamos

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e-mail: marialiviaroriz@gmail.com

de modo singular para os sujeitos desta pesquisa. Neste trabalho, Julia, nome pelo qual optamos por identificá-la e, por ser seu nome de “trabalho”³, é a personagem síntese e, ao mesmo tempo, agrupa as questões que atravessam o texto.

A rigor, três territórios aparecem configurados no texto. A personagem Julia se movimenta no território geográfico luso e, na sequência, se desloca para o território geográfico Rio de Janeiro. São territórios físicos, objetos de análises geo-espaciais, com culturas e histórias díspares, que, de certa forma, seu corpo trans une e reúne. O terceiro território, que une os dois primeiros, é aquele que denominamos território sensível.

Assim, é através das histórias que Julia formulou, confidenciou e me contou, durante o período em que andamos juntas pelas ruas do Porto e do Rio de Janeiro, que pude perceber suas experiências e vivências nos territórios geográficos/físicos. Nas ruas, das duas cidades percorremos caminhos que permitem perceber a transformação dos territórios pelos passos que constroem caminhos do sensível. No território luso, deu-se o nosso encontro na cidade do Porto, no qual aparecem com destaque os sentimentos de esperança e desesperança. No território brasileiro, a cidade do Rio de Janeiro, o reencontro dela com a família, a cidade, a “cena” LGBTQIAP+, os espaços da rua, a volta depois de anos fora do país, a eminência e o fim. O sonho da volta frente ao retorno de uma vida que se esvaiu.

É desses cenários que este texto trata. Sendo assim, faz da interpretação de um diário de campo a reconfiguração geográfica de uma vida, síntese de um território trans, a principal metodologia. Seguimos Julia por quatro meses na cidade do Porto. Na sua volta ao Brasil, o reencontro se deu em março de 2023 e continuamos a sequência de contatos, quase diariamente, durante mais sete meses. Desses encontros, das conversas, dos passeios ao ar livre nas ruas das duas cidades nasce cenários geográficos sensíveis que serão objeto de reflexão neste texto.

Como questão de fundo que atravessa a pesquisa sobre as trabalhadoras de sexo transexuais que vivem no Rio de Janeiro e no Porto, em Portugal, objeto de projeto de pós-doutoramento, o objetivo é relacionar a questão do envelhecimento desse grupo com a forma como a idade interfere na produção do sujeito trans, que transfigura o tempo na própria experiência de vida cotidiana. Quem são essas idosas? Como lidam com o cotidiano de um corpo retransfigurado pelo tempo e pela experiência trans? Como as que

³ Entre os trabalhadores de sexo e os personagens desviantes da noite, o nome torna-se alcunha que é popularmente referenciado como “nome de guerra”.

vivem o território diaspórico da imigração se conectam com o espaço onde vivem? A transitoriedade é percebida quando vivem a diáspora migratória? Estas perguntas permeiam a pesquisa mais ampla.

O território é, portanto, percebido como produtor de normas e parâmetros culturais que interferem, na nossa hipótese, na maneira como essas idosas reelaboram a existência num território considerado outro. Mas para além do território espacial, há que se considerar o território do sensível, já referido anteriormente, que pode se manifestar nas histórias que contam e que reconfiguram as suas próprias existências.

Como objeto empírico privilegiado, propomos, portanto, seguir Julia, personagem síntese metonímica de um grupo mais amplo. O cotidiano desta mulher trans e seus passos começaram a ser seguidos ainda na cidade do Porto, em Portugal, como já apontamos. Sua vida, seus anseios, seus medos, revelam uma geografia da experiência ou da existência desta mulher que trabalha com sexo para sobreviver.

Um ano depois, ao chegar ao Rio de Janeiro, segue novos caminhos, tem outros anseios, revela outros desejos. Até que ponto o território de sua memória (já que é nascida no Rio de Janeiro) interfere na forma como se conecta com um espaço que deixa de ser meramente geográfico e passa a ser de uma memória existencial?

Se pensarmos o grupo - transexuais brasileiras no Porto - não a partir de uma visão que amalgama, mas como possibilidade teórico-metodológica de delimitação, temos que enfatizar qual o lugar a partir do qual o olhar que direcionamos para este grupo pode ampliar a sua própria abordagem.

Esta percepção teórica não é apenas importante porque “permite a teorização sobre grupos com opressões múltiplas e simultâneas” (Nogueira, 2017), como é o caso do grupo escolhido, mas sobretudo porque este tipo de análise evita ou previne a essencialização das categorias, percebendo em um mesmo grupo, metodologicamente construído pelo olhar do pesquisador, especificidades, histórias de vida, experiências próprias. Capturando as diferenças, consegue-se perceber vários níveis de opressão.

A políticas identitárias devem ser vistas também como projeto político de amalgamar, muitas vezes para normatizar, aqueles que são nomeados por uma designação comum. Como enfatiza Preciado, em relação ao feminismo, a proliferação de teorias e estratégias naturalizaram a noção de “mulheres”, produzindo, a rigor, a normatização do sujeito que querem liberar. Assim, acrescenta ele: “o feminismo cria seus próprios excluídos, mulheres não brancas, trabalhadoras sexuais, lésbicas, usuárias de drogas,

chicanas, mulheres transexuais e transgêneras, mulheres deficientes, imigrantes”. E conclui: “todos esses sujeitos subalternos ao feminismo produziram os seus próprios movimentos durante o século XX” (PRECIADO, 2018, p. 9).

A pesquisa mais ampla tem ainda como objetivos observar as mulheres transexuais no espaço de origem e nos territórios diaspóricos, como se constituem como grupo, que estratégias cotidianas desenvolvem, enfim, como elas se veem e são vistas. Que tipo de ação pública é direcionada a elas? Que diferenças e semelhanças podem ser estabelecidas (se é que podem?³) entre o que ocorre no Brasil e em Portugal em relação à população transexual? Haveria diferenciação entre os modos de olhar (oficiais e oficiosos, as imagens públicas dos transexuais, por exemplo) para prostitutas e transexuais? O que é ser transexual, na condição de migrante, e a maioria das vezes de maneira irregular?

O objeto de estudo, portanto, de maneira geral, é a população trans em trabalho sexual nas ruas em dois territórios geográficos distintos. Interessa-nos conhecê-las e perceber como seus passos pelas ruas da cidade podem revelar a condição de duplo estrangeiro: de trans e de imigrante.

É preciso pensar que os corpos nas ruas expressam, como enfatiza Butler (2018, p. 13), a própria existência. O espaço público enquanto local de visibilização e de atuação produz ações de exercício de liberdade. Corpos se unem “para expressar sua indignação e para representar sua existência plural no espaço público”. E quando se unem, “eles também estão fazendo exigências mais abrangentes: estão reivindicando reconhecimento e valorização, estão exercitando o direito de aparecer, de exercitar a liberdade, e estão reivindicando uma vida que possa ser vivida” (BUTLER, 2018, p. 33).

A metodologia adotada neste artigo interconecta a experiência de conviver em várias situações com a personagem síntese do trabalho. Na pesquisa mais ampla, serão ainda realizadas entrevistas em profundidade com algumas transsexuais idosas. O caráter imersivo da pesquisa destaca-se fazendo da metodologia possibilidade viver com o outro em diversos espaços de significação de sua vida. A opção por um personagem que seria uma espécie de sujeito símbolo de um grupo permite também o aprofundamento da relação pesquisador/pesquisado, ampliando o escopo de reflexão.

³ O Brasil é o país do mundo que mais mata transexuais no mundo. Segundo os dados estatísticos Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), desde o ano de 2008 o Brasil se manteve em primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos de pessoas trans. Em 2020, foram 175 pessoas trans assassinadas, e somente nos quatro primeiros meses do ano de 2021 foram registrados 56 assassinatos – sendo 54 mulheres trans/Travestis e 2 homens trans/Transmasculinos (BENEVIDES e NOGUEIRA, 2021).

Conversando, andando e observando, com Júlia

Nas linhas geográficas que atravessam a pesquisa (Brasil – Portugal), há um desvio em outra parte da Europa – a Itália-, onde se encontra a pessoa que me passou o contato de Julia⁴. Começa assim os passos, caminhos e observações que fundam o primeiro território, o luso, atravessado sempre pelo território sensível.

O primeiro contato, via WhatsApp, com Julia, a primeira descoberta que, pelo estranhamento, revela o desconhecimento de um território: são mulheres que não se fixam, estando sempre em estado de circulação. A cada semana estão numa cidade diferente em Portugal. “Nosso trabalho tem que ter novidade, carne nova na praça, não dá para acomodar em um único lugar, se é que você me entende” (Grifos nossos).

O território circulante não tem fronteiras, nem se configura como lugar: é móvel, contínuo, se estende um lugar ao outro, num intercâmbio que produz paisagens múltiplas, diferenciadas e híbridas. A necessidade de oferecer “carne nova” produz um território permanentemente de passagem, a falta da casa, do pouso, do ponto fixo. O território trans no território luso revela a desterritorialização geográfica e a construção de uma nova geografia da ordem do sensível.

Um mês após a nossa conversa inicial, recebo nova mensagem de Julia avisando que estaria por dez dias na cidade do Porto. Ela mesma agenda o encontro, determinando dia, horário e local. Era uma manhã chuvosa, e as 10 horas, numa confeitaria tradicional da cidade, aguardava a sua chegada. Ela me enviou mensagem dizendo que estava a caminho, vestida com um moletom cinza estampado com personagens da Disney.

O encontro poderia ser marcado pelo estranhamento: afinal existiam diversos fatores contribuindo para isso, como, por exemplo, o fato de eu ser uma mulher cis, que, enquanto uma vivia confortavelmente na Europa, pesquisando, se confrontava com outra que tinha uma vida baseada na insegurança e vulnerabilidade. Eram muitos contras, mas o primeiro encontro foi de cumplicidade. Ao rever, pelos trabalhos de memória, a cena, percebo que ambas viviam situações diferentes, mas que havia pontos de contato: eram estrangeiras e buscavam escutas, uma como pesquisadora e a outra como mulher que trilhava um caminho duro e solitário em Portugal.

⁴ Manuela (nome fictício), que me deu o contato de Julia, é uma mulher transexual, cafetina e que há de trinta anos vive na Europa.

Ao chegar na confeitaria, Julia, faminta, pede dois croissants e uma média, enquanto informa que trabalhou muito na noite anterior. Durante quatro horas partilhamos histórias. Enquanto comia, com sofreguidão, me analisava com olhar firme: “como você é bonita, parece muito com aquela atriz brasileira, a Françoise Fourton”. Timidamente agradei e compreendi que estávamos estabelecendo uma vinculação e admiração mútuas.

Sua chegada à Europa aconteceu no final da década de 1990: primeiro na Itália, onde sofreu repressões, perseguições, passou frio, fome, violência, mas continuou. Ainda não havia realizado sua cirurgia de redesignação sexual, vivia o processo de transição hormonal, com aparência forte, entre o masculino e o feminino, um dos fatores prejudiciais para a sua primeira estadia. Descreve as pessoas que fazem cafetinagem como sugadoras de alma, e durante muitos anos viveu sob jugo do que ela intitula corja do mal: “pessoas que ganham dinheiro com exploração do corpo alheio”.

Em meio às inúmeras dificuldades, retorna ao Brasil, carregando a desesperança. Esperou seis anos na fila do SUS para realizar sua cirurgia e que foi o pai que lhe mostrou um anúncio no jornal *O Dia* divulgando a vaga de cirurgia no hospital Pedro Ernesto, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mais alguns anos se passaram até que conseguiu fazer sua transição e decidiu retomar o velho sonho de ganhar, novamente, a vida na Europa.

Na nova temporada, chegou na Espanha e, na sequência, foi para Portugal. Explica que uma pessoa que escolhe enfrentar o mundo e ir em busca da sua verdadeira identidade - ser mulher-, não consegue emprego em outra coisa a não ser como profissional do sexo. “Eu gosto de sexo, se não ficaria difícil trabalhar com isso. Mas ando cansada, tenho buscado outros caminhos, a idade pesa e não aguento mais rodar por esse país com uma mala”. Mas as tentativas de mudar de profissão foram frustradas. E continuou rodando e arrastando sua mala, espécie de símbolo da sua própria desterritorialização.

Sua vida literalmente de passagem, materializando a desterritorialização, se coadunava com o que lhe era atribuído. Como afirma Sara Armed (2022, p. 188), as/os trans, são “todas/os, num sentido profundo, residentes temporárias/os. Chegamos a um mundo só para partir novamente. A vida é o que vem e o que vai e o que acontece no meio. Passamos por um mundo”.

Quando estamos de passagem, algumas/ns de nós são paradas/os e questionadas/os. Para passar, você pode ter que em outro sentido: passar-se por algo. Pode ser que nos parem se não conseguimos passar. Aqueles que não são parados podem ser considerados os residentes certos; tornam-se residentes permanentes, mesmo que não haja nada permanente em sua residência” (AHMED, Sara. 2022, pg.188).

As mulheres transexuais estão sempre com a sua legitimidade sendo contestada, um corpo que não reside na sua casa de origem. São corpos abjetos, sem adequação às regras, as normas e por isso precisam de tantas intervenções. Em especial, as mulheres transexuais idosas esbarram no corpo que se degenera com a idade: o corpo se desterritorializa mais uma vez. Chega um determinado momento em que tudo que produziram de efeito no corpo, passa a se perder. Assim iniciam outro embate: o da manutenção do corpo jovem. Em seus últimos meses na Europa, Julia passou por situações difíceis, mas, ao chegar no Brasil, pegou todo o dinheiro que conseguiu trazer e entregou em uma clínica de estética, na Barra da Tijuca para poder “remodelar o corpo”.

Chamou-me a atenção no primeiro encontro o fato de carregar permanentemente dois celulares. A partir do final da manhã começa a receber as ligações dos fregueses. Pergunto o motivo de ter dois aparelhos, aponta para o telefone rosa e diz: “esse é para o anúncio de mulher transexual, o fato de ser operada desperta o interesse. Os homens portugueses querem sempre saber como é com as operadas. Você vai perceber que recebo mais chamadas nesse aparelho”. E continua explicando que o outro aparelho, de cor branca, é para os anúncios de mulher cis.

Questiono se ela trabalha nas ruas, outra hipótese que se desmancha. Em especial após a pandemia, as profissionais do sexo não iam para rua por questões de segurança. A captação de cliente se faz pelos anúncios divulgados via internet e me mostra o site em que anuncia seus serviços. Para isso desembolsa por semana dez euros. Nos anúncios, as fotos nunca deixam verdadeiramente sua fisionomia à mostra: está de costas, por vezes usa avatares, figuras de personagens infantis como Hello Kitty, Minie e Barbie, isso tanto no site, como no perfil do WhatsApp.

Enquanto relata seu cotidiano de trabalho, Julia percebe meu olhar se desviando para a mesa atrás dela. Num reflexo, vira o corpo com toda a força e olha fixamente para um grupo de três senhoras portuguesas que estava comentando sobre nós. Quando meu olhar escapa, escuto: “o que essa menina está fazendo com uma figura dessas nesse lugar de família”. O olhar fuzilante de Julia para as senhoras faz com que elas peçam

rapidamente a conta. Compreendo que todos os seus sentidos têm que ficar o tempo inteiro em plena atenção como forma de defesa.

A narrativa sobre sua história de vida só era interrompida pelas chamadas nos telefones: naquela manhã acompanhei todas as ligações dos clientes, o modo como negociava e marcava os programas. Comprovei que, de fato, o telefone rosa – o do anúncio da mulher operada –, tocava mais do que o branco. Muitos clientes ligavam primeiro para o rosa e depois para o branco, para comparar valores. Naquela manhã agendou três clientes e me disse que precisava comprar um batom, se eu poderia ir com ela.

Nos dirigimos para a principal rua de comércio da cidade, continuando a conversa, quase sob a forma de confidência. Fomos ao shopping, entramos na loja de maquiagem, trocamos dicas de produtos e juntas escolhemos um batom vermelho. A partir desse primeiro encontro, quase todos os dias, nos falamos. Até hoje tem sido assim. Tivemos mais outro encontro presencial ainda em Portugal.

Era janeiro de 2022 e eu já estava quase retornando ao Brasil. Júlia marcara no mesmo shopping. Lá, me pergunta se poderíamos ir outro shopping, do outro lado da cidade, pegando o metrô. Explica que tem que comprar uma mala e que precisaria ir a uma loja mais barata.

Diferente de outras profissionais do sexo, independente de ser mulher transgênera, mulher cis ou homem, Júlia não tinha uma casa fixa, um lugar onde aportar entre uma cidade e outra. Por estar sem documentação, não tinha muito como transitar por outros países: o máximo que se distanciava era até cidades fronteiriças entre Portugal e Espanha. Numa briga com uma cafetina teve todos os seus documentos rasgados.

Ao trabalhar o conceito de conforto, Ahmed (2022) enfatiza que para as pessoas que estão enquadradas numa dada normatividade social a rua será sempre confortável e adequada. A rua não é confortável para os vulneráveis, esses precisam se adequar as suas regras. A rua que antes era local de trabalho para Julia, passa a ser cada vez mais o lugar do medo, dos olhares, dos julgamentos.

Nesse nosso encontro eu tinha novidades: havia conhecido uma pessoa que poderia ajudá-la com a documentação para retornar ao Brasil. Ela sempre me dizia do desejo de ver seus pais e irmãos. Afinal tinha nove anos que não conseguia sair da Europa. Julia, me puxou pelo braço e perguntou: “podemos ir de braços dados? Eu gosto de andar assim com minhas amigas na rua”.

Andar de braços dados com Júlia encena um enfrentamento à rua, as regras impostas pela sociedade: confrontar com aqueles que tentam regular e controlar o espaço público. Estar com ela é ser autorizada por ela a experimentar um lugar de desconforto, o mesmo que certamente ela enfrenta pelo simples ato de existir. Simbolicamente ao caminharmos juntas, de braços dados, estabelecemos um elo de cumplicidade em que a luta travada por Júlia pelo direito de existir é também a minha luta.

O corpo em transição se envolve em lutas entrelaçadas: para mudar, para ser reconhecido, para não despençar, na luta contra o envelhecimento. O corpo monstro (PRECIADO, 2022) que diariamente enfrenta essas lutas não é somente o do discurso, da troca de pronomes, mas o material em que é preciso injetar hormônios, consumir medicações, passar por inúmeras intervenções cirúrgicas.

Não se trata de um jogo banal de palavras falar sobre corpos que importam/corpos materiais [bodies that matter] nesses contextos clássicos, pois ser material significa materializar, se compreendermos que o princípio dessa materialização é precisamente o que ‘importa’ [matters] sobre aquele corpo, sua própria inteligibilidade. Nesse sentido, saber o significado de alguma coisa é saber como e por que ela importa, sendo que ‘importar’ significa ao mesmo tempo ‘materializar’ e ‘significar’ (BUTLER, 2019, pp.63-64).

Ao descrever os corpos que vivem em transição Preciado (2022) intitula-os de monstro. “Aquele cujo rosto, corpo e práticas não podem ainda ser considerados verdadeiros em um regime de saber e poder determinados” (p.36). Julia é esse ser que mantém a sua subsistência com o “corpo monstro”. Tal como descreve Preciado, Julia também não é heroína, somente carrega o desejo de viver. “Não há nada de heroico nesse processo. Não sou um lobisomem nem tenho a imortalidade de um vampiro. Meu único heroísmo era o desejo de viver, a força com a qual o desejo de mudança se manifestava e se manifesta ainda hoje em dia” (PRECIADO, 2022, p.41).

(...) qualquer experiência transexual é estritamente singular, sendo impossível sua apreensão a partir da generalização psicológica, seja ela a mais sofisticada que for. Isso porque para cada sujeito o que está em jogo é uma constelação simbólica única, exclusiva, impossível de ser repertoriada como um fato psíquico geral (JORGE e TRAVASSOS, 2018, p. 18).

Diferente do primeiro encontro, no segundo, o trabalho estava para ela escasso. O telefone quase não tocou, ela desanimada com a proximidade do território da nova guerra (a da Ucrânia) e a recessão que já era uma realidade em Portugal. Seu desejo de regressar

ao Brasil tornara-se mais forte. Acreditava que uns meses junto com a família lhe faria bem.

Território de reencontros

Em abril de 2023, recebo uma ligação de Júlia emocionada: havia conseguido, finalmente, comprar as passagens para retornar ao Brasil. “Farei uma verdadeira maratona, mas vou retornar ao meu país”.

Foi de ônibus de Vigo, na fronteira da Espanha com Portugal, até Lisboa. De lá, pegou o avião até Madrid e de Madrid (já que não podia sair por Portugal por estar ilegal no país) para o Rio, depois de 16 horas de espera na Espanha. Combinamos um encontro assim que chegasse ao Rio.

A cada movimentação recebia uma mensagem me atualizando, áudios compartilhando medos, afinal teria que passar pela imigração depois de anos como ilegal na Europa. Sua chegada no Brasil não aconteceu como idealizara: seus familiares não foram buscá-la no aeroporto, não teve uma recepção calorosa e percebeu que não estava mais incluída no cotidiano da família.

Nas semanas que se seguiram trocamos muitas mensagens, sempre como teor de desabafo. Sua maior decepção foi com a mãe, que a partir do seu regresso fazia questão de chamá-lo pelo nome de batismo, firmando sempre seu gênero de nascimento. Mas não era só em Portugal que Julia circulava sem documentos: no Brasil também não tinha identidade, cadastro de pessoa física (CPF). Restava apenas a velha carteira de trabalho. Júlia desterritorializada permanecia no seu território de origem.

No Rio, nos reencontramos em maio: acompanhei-a numa peça de Suzy Brasil (um transformista famoso) na sede da turma OK⁵. Marcamos na entrada do clube, às 19horas. Ela viria do Méier, subúrbio do Rio de Janeiro. Durante o seu percurso até a Lapa, ia me enviando fotos e o medo, que tinha agora, de andar por algumas partes do centro. “Antes a Lapa era o meu país, agora eu temo cada esquina”. A insegurança transformava o território, tornando-o lugar de desconhecimento para alguém nascido e criado na cidade. No seu território, Julia continuava sem território.

⁵ Fundada em 13 de janeiro de 1961, a Turma Ok é a sociedade civil, sem fins lucrativos de sociabilização LGBTQIPN+ em atividade no Brasil e no mundo. No início funcionava nos apartamentos de seus membros com o intuito de fazer cultura através do transformismo. Sua primeira sede foi na Rua do Resende na Lapa – centro do Rio de Janeiro, atualmente fica situada na Rua dos Inválidos no 39, na Lapa. Para mais informações: <https://midianinja.org/news/turma-ok-o-mais-antigo-clube-lgbtqia-em-atividade-no-mundo/>.

Com o número enorme de pessoas interessadas na peça, os organizadores decidiram abrir mais uma sessão, às 22 horas. Como teríamos que esperar, fomos a um bar. Naquela noite, assistimos a peça e depois nos aventuramos no Karaokê na Mem de Sá. Ela sempre pedindo para cantar música em italiano e de cantores populares na década de 1980. Nosso segundo encontro no Brasil, aconteceu numa festa junina LGBTQIAP+ na praça Marechal Âncora, no centro do Rio. Depois desse, mais outro. Depois outros. Sempre festas, sempre territórios de alegria. Mesmo que sejam, quase sempre, passageiros.

Considerações Finais

O meu encontro com Julia passou a ser o que BUTLER (2016) afirma ser uma “tarefa do ativismo trans”, o de se sentir inserida, ter prazer apesar de todas as adversidades. Desde que nos conhecemos, Julia sempre me convida para fazer algo que possa produzir a ela: ir a uma festa para dançar, cantar no karaokê, assistir a um show de transformista, ir à praia. Na Europa vivia em grande solidão, mas no Brasil ela tem reencontrado amigos de longa data. A alguns procura me apresentar.

A sua luta para ser uma mulher transexual idosa é constante e esbarra na desterritorialização permanente de sua vida. A busca pela origem, a volta a sua cidade não significou uma reterritorialização. Muito pelo contrário.

Mas existe na luta permanente pelo reconhecimento uma inclusão de uma territorialidade sensível que a impele a continuar. Como diz Butler (2016) a tarefa do ativismo trans é “seguramente a de fazer com que respirar seja mais fácil, obter reconhecimento quando necessitamos tê-lo, uma vida que possamos afirmar com prazer e alegria, mesmo em meio as dificuldades” (p. 24).

Certamente, nós buscamos reconhecimento neste mundo de maneira a existir enquanto sujeitos sociais, participando em mundo comum. Ao mesmo tempo, nós sabemos que não há reconhecimento perfeito neste mundo. Isso não significa que devemos deixar de lutar por reconhecimento, mas que compreendamos o reconhecimento precisamente como uma luta constante. Nós demandamos reconhecimento não somente pelo que somos, mas por nossa capacidade mesma de autodeterminação, nossa reivindicação de igualdade e de liberdade” (BUTLER, 2016, p. 28)

Espera-se com este projeto adensar as reflexões em torno da questão da memória em correlação com a questão do envelhecimento, explorando territórios de significações os mais diversos, levando a um melhor conhecimento do cotidiano deste grupo que sofre todo o tipo de violência numa sociedade conservadora como a brasileira. Este conhecimento pode significar a proposição de políticas públicas mais eficazes para estes sujeitos em situação de extrema vulnerabilidade.

Por último, gostaria de enfatizar o vínculo deste trabalho com o Grupo de Pesquisa Geografias da Comunicação: a compreensão do espaço como lugar em que o comunicacional se articula com estas diversas dimensões dos territórios de vivências, produzindo sentidos e, ao mesmo tempo, articulando o comum humano, no sentido atribuído por Muniz Sodré (2014). Este olhar nos permite ampliar a concepção de território para além dos lugares evidentes, colocando também memória e cotidiano como dimensões importantes das espacialidades.

Referências bibliográficas

- AHMED, Sara. **Viver uma vida feminista**. São Paulo: UBU editora, 2022.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo; n-1edições, Crocodilo edições, 2019.
- BUTLER, Judith. **Corpos em alianças e a políticas das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- COLLING, Leandro (ORG). Dissidências sexuais e de gênero. In: BUTLER, Judit. **Corpos que ainda importam**. Salvador: EDUFBA, 2016.
- JORGE, Marco e TRAVASSOS, Natália. **Transexualidade**: o corpo entre o sujeito e a ciência. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- MOIRA, Amora; ROCHA, Márcia; BRANT, T e NERY, João. **Vidas trans**: a luta de transgêneros brasileiros em busca de seu espaço social. Bauru, SP: Astral Cultural, 2017.
- PRECIADO, Paul. **Testo Junkie**: sexo, drogras e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1, 2018.
- PRECIADO, Paul. **Eu sou o monstro que vos fala**: relatório para uma academia de psicanalistas. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

